

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
CURSO DE MÚSICA LICENCIATURA

RANNIERY FERNANDES SANTOS

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE APOIO NO PROCESSO DE INCLUSÃO E  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA.**

São Luís – MA

2023

**RANNIERY FERNANDES SANTOS**

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE APOIO NO PROCESSO DE INCLUSÃO E  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de  
Música Licenciatura presencial da Universidade Estadual  
do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de  
licenciado em Música

Orientador: Prof. Dr. João Costa Gouveia Neto

São Luís – MA

2023

**RANNIERY FERNANDES SANTOS**

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE APOIO NO PROCESSO DE INCLUSÃO E  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Música  
Licenciatura presencial da Universidade Estadual do Maranhão –  
UEMA, para obtenção do grau de licenciado em Música.

Aprovado em: 24/07/2023

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dr. João Costa Gouveia Neto (Orientador)**

Doutor em Educação  
Universidade Estadual do Maranhão

---

**Prof. Me. José Roberto Froes da Costa**

Universidade Estadual do Maranhão

---

**Profª. Ma. Eliza de Oliveira Rocha**

COLUN- Universidade Federal do Maranhão

Santos, Ranniery Fernandes.

A música como ferramenta de apoio de inclusão e desenvolvimento da criança com espectro autista / Ranniery Fernandes Santos. –São Luís, 2023.

...31

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientador: Prof. Dr. João Costa Gouveia Neto.

1.Autismo. 2.Inclusão escolar. 4.Música. 5.Musicoterapia. 6.Educação musical especial. I. Título.

CDU: 78:376-056.36

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                 | 8  |
| <b>1. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....                   | 12 |
| <b>2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA</b> .....          | 15 |
| <b>3. AUTISMO E O DESAFIO DA INCLUSÃO ESCOLAR</b> ..... | 17 |
| <b>4. AUTISMO E A MÚSICA</b> .....                      | 19 |
| <b>4.1 Autismo e a Educação Musical.</b> .....          | 22 |
| <b>4.2 Autismo e a Musicoterapia</b> .....              | 24 |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                    | 26 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                | 28 |

## RESUMO

O autismo é uma condição complexa que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento. Este trabalho tem a finalidade de demonstrar como a música estimula diferentes áreas do desenvolvimento infantil, incluindo habilidades cognitivas, emocionais, sociais e motoras em crianças autistas, podendo ser utilizada de forma terapêutica e estruturada, através da musicoterapia e na forma de educação musical, voltada para a musicalização e ensino da música propriamente dita. Examina-se a relação entre o autismo e a música, destacando como a educação musical pode oferecer oportunidades de expressão, comunicação e interação para essas crianças. São discutidas estratégias e abordagens específicas utilizadas na educação musical, bem como os benefícios que podem ser alcançados por meio dessa modalidade de ensino. O grande desafio do Brasil é a promover a educação inclusiva a pessoas com transtornos de desenvolvimentos globais e essa inclusão deve ocorrer dentro da escola pública regular. E temos na música um meio que pode auxiliar e promover esse processo de inclusão. A musicoterapia e a educação musical especial se apresenta como uma abordagem pedagógica que visa atender às necessidades únicas das crianças com TEA, proporcionando um ambiente inclusivo e estimulante para o seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão Escolar. Música. Musicoterapia. Educação Musical.

## ABSTRACT

Autism is a complex condition that affects the development of communication, social interaction and behavior. This work aims to demonstrate how music stimulates different areas of child development, including cognitive, emotional, social and motor skills in autistic children, and can be used in a therapeutic and structured way, through music therapy and in the form of music education, dedicated to the musication and teaching of music itself. The relationship between autism and music is examined, highlighting how adapted music education can provide opportunities for expression, communication and interaction for these children. Strategies and specific approaches used in special music education are discussed, as well as the benefits that can be achieved through this teaching modality. Brazil's great challenge is to promote inclusive education for people with global developmental disorders and this inclusion must occur within the regular public school. And we have in music a means that can help and promote this process of inclusion. Music therapy and special music education is presented as a pedagogical approach that aims to meet the unique needs of children with ASD, providing an inclusive and stimulating environment for their development.

Keywords: Autism. School inclusion. Music. music therapy. Music Education.



## INTRODUÇÃO

O autismo, também conhecido como transtorno do espectro autista (TEA), é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento e o funcionamento social, comunicativo e comportamental de uma pessoa. Se considera um transtorno do desenvolvimento porque os sintomas aparecem nos primeiros anos de vida. As pessoas com autismo apresentam uma ampla variedade de características e sintomas que podem se manifestar de diferentes maneiras. Alguns dos sintomas comuns incluem dificuldades na interação social, dificuldades na comunicação verbal e não verbal, interesses restritos e repetitivos, assim como padrões de comportamento e atividades estereotipadas. É importante ter em conta que o autismo é um espectro, o que significa que existem diferentes níveis de gravidade e manifestações. Algumas pessoas no espectro autista podem ter um alto nível de funcionamento e levar uma vida independente, enquanto outras podem requerer apoio e assistência significativa em sua vida diária.

O autismo não tem uma causa única conhecida, mas acredita-se que seja o resultado de uma combinação de fatores genéticos e ambientais. Sem cura, mas com o apoio adequado, as pessoas com espectro autista podem aprender a manejar os desafios e desenvolver habilidades que lhes permitam ter uma vida plena e significativa. É importante destacar que cada pessoa com autismo é única, com fortalezas e desafios individuais. A abordagem de atenção e apoio deve ser adaptada à necessidade específica de cada pessoa para ajudá-las a alcançar seu máximo potencial.

Até pouco tempo o autismo era confundido com outros distúrbios como a psicose e esquizofrenia infantil, o que dificultava o seu diagnóstico. Com avanço dos estudos do TEA, pessoas antes nunca diagnosticadas, diagnosticadas em idade escolar ou já adultas, agora podem ter suas características autísticas detectadas entre 18 meses aos 3 anos de idade. Segundo Passerino (2005) retrata o autismo como “síndrome definida por alterações presentes a partir dos 3 anos de idade caracterizado pela presença de desvios nas relações interpessoais e de comportamento” (SCHWARTZMAN, p.4, 1994, apud PASSERINO, p.04, 2005).

Chegar ao diagnóstico do autismo não é simples, por não ser detectada através de exames clínicos e laboratoriais, e sim por uma avaliação profunda do comportamento da criança, que deve ser feita por um profissional especializado. Existem diversas barreiras sobre o diagnóstico do Autismo, como por exemplo, continua sendo comum mães procurarem uma explicação para as dificuldades do seu filho e não encontrarem respostas nos profissionais de saúde da rede pública nacional.

Segundo a autora Pizolli (2021), a ONU (Organização das Nações Unidas) afirma em 1980 que uma a cada 500 crianças, eram diagnosticadas com autismo, porém hoje cerca de 1% da população mundial, ou seja, uma em cada 68 crianças apresenta o transtorno do espectro autista. Apesar da grande preocupação com o aumento do número de crianças diagnosticadas, vê-se aí uma vitória para aqueles que não sabiam onde buscar ajuda e para aqueles que podem ter suas características autísticas tratadas por possuírem um diagnóstico precoce.

Com o impacto causado na comunicação, comportamento e interação social, as pessoas autistas necessitam de cuidados especiais desde a infância até a velhice. Ao receber o diagnóstico, os familiares sofrem um grande choque emocional, que influenciará também no seu convívio social e nas suas finanças. Devido à escassez em algumas regiões de profissionais capacitados, o tratamento e acompanhamento as pessoas com TEA, torna-se caríssimo, não podendo algumas famílias arcar com essas despesas, e por isso terão em algum momento que buscar a ajuda de instituições sociais, para proporcionar tratamento e acesso a uma educação adequada.

Esse contato social presente no contexto escolar permite as crianças com TEA, desenvolverem a fala, o conhecimento e o autoconhecimento, promovendo assim a formação do seu caráter e a construção de um cidadão. Vale ressaltar que o processo de inclusão escolar da criança autista deve ser bem planejado e analisado pela equipe pedagógica da escolar, uma vez que uma inclusão mal feita pode agravar a processo de tratamento e inclusão dessa criança na sociedade. Camargo (2009) retrata que “[...] um processo de inclusão malsucedido pode aumentar os riscos de isolamento, rejeição dos pares e baixa qualidade de amizades.” (CHAMBERLAIN, 2002 apud CAMARGO; BOSSA,2009, p.70).

A educação inclusiva é a forma de promover a educação a todas as pessoas independente de sua cor, raça, etnia ou necessidade especial. Embora seja urgente a abordagem desse assunto, ele ainda é pouco discutido no Brasil, principalmente no âmbito de inclusão escolar das pessoas com necessidades especiais. Em 1971 foi elaborada a Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir “tratamento especial” para os estudantes com “deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados”, mas em 1996,o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 9394/96, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino, porém a educação inclusiva não se trata apenas de ingressar o aluno em sala de aula, sem promover a interação com os outros alunos, sem estrutura

adequada e professores capacitados, sendo assim, não promover a organização de um sistema de ensino capaz de atender aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, dificulta o processo de inclusão dessas crianças na sociedade.

Em busca dessa qualidade na inclusão da criança autista, na educação e na sociedade, vemos o ensino de música como uma ferramenta de apoio para pleitear o sucesso nesse processo. Para a criança autista, o contato com a música auxilia na recuperação de diversas barreiras que o próprio transtorno traz a sua dificuldade na fala, de autoconhecimento, de relacionamento, podem ser minimizados através da música.

Quando se trata a música como ferramenta no processo de inclusão e desenvolvimento da criança autista, é trata-la como recurso de aprendizagem que permitirá a criança interagir e se comunicar, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Conforme Pimenta (2017), só no Brasil, são registrados em média 150 mil casos de TEA por ano, sendo a maioria em crianças, por isso é de extrema importância discorrer sobre o autismo e a educação musical infantil, uma vez que, esse aumento de criança diagnosticada, gera um anseio pela inclusão do autista na sociedade, que se inicia pela busca de tratamento, educação, esporte e pela valoração do potencial humano existente nas pessoas autistas e a música é um dos recursos que pode proporcionar o desenvolvimento da criança autista, bem como sua inclusão social.

Pensando na música como ferramenta de apoio na inclusão e desenvolvimento da criança autista, o presente trabalho traz como questionamento: Como a música auxilia no processo de inclusão, aprendizagem e desenvolvimento da criança autista no convívio social e escolar?

Estudos recentes, comprovam que a música estimula quase todas as regiões cerebrais e subsistemas neurais, como também motiva mudanças no metabolismo, aumenta o fluxo de respiração, opera no córtex cerebral e pode estabelecer sensação de prazer e felicidade ao indivíduo que a ouve, conforme Octaviano (2010)

Conforme a autora L.Júnior (1999, apud SILVA 2017), no autista, a música atinge em primeiro lugar a emoção para, depois, as reações físicas. A autora complementa, afirmando um dos objetivos de se ter a música como recurso de aprendizagem é propor experiências que as façam se desenvolver.

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo analisar a música como ferramenta de apoio no processo de inclusão e desenvolvimento da criança autista, mas especificamente demonstrar o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas características, apontar os desafios

do processo de inclusão escolar, verificar os métodos pedagógicos voltados ao ensino da música para crianças autistas.

A pesquisa constou de um levantamento bibliográfico em publicações escritas entre os anos de 2011 a 2022 incluindo artigos, livros, monografias, dissertações e teses que falem sobre o tema proposto. Para estes, foram utilizadas como bases de dados para busca, as seguintes fontes: Google Acadêmico, Revistas eletrônicas, tais como publicações de autores brasileiros independentemente do idioma de publicação, que tiveram possibilidades de avaliação do material coletado.

Para melhor compreensão, foi feita uma revisão literária, onde está elencado os autores que servem de base para essa pesquisa, logo em seguida, descrevo sobre o transtorno do espectro autista, diagnósticos e tratamentos, sigo retratando sobre os desafios da inclusão escolar, e um dos mais relevantes deles é o despreparo dos professores para lidar com crianças autistas e por fim trato sobre a música como ferramenta de apoio no processo de inclusão de desenvolvimento da criança com espectro autista, demonstrando o benéfico da música e as ferramentas utilizadas pra este fim.

-

## 1. REVISÃO DE LITERATURA

Na busca por estudos que contemplassem a compreensão da literatura em torno de temas próximos à minha pesquisa, destaco aqui os trabalhos voltados fundamentalmente para a literatura nacional no campo da educação musical, educação musical especial e musicoterapia.

Universidade Estadual do Maranhão, especificamente no curso de licenciatura em música. Em levantamento feito entre os anos de 2011 a 2022, foram identificadas apenas 04 monografias voltadas diretamente para o Transtorno do Espectro Autista, das quais destaco apenas duas neste estudo, a de Nikson Douglas Araújo Soeiro(2018) e de Sonalya Rosy Guimarães Marques (2018).

O autor Soeiro (2018) retrata em sua pesquisa as contribuições das aulas de musicalização para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com o transtorno do espectro autista. A sua pesquisa descreve os relatos das atividades de musicalização realizadas com três crianças autistas da educação infantil e do ensino fundamental. O trabalho de Soeiro (2018) é importante porque ele aborda as dificuldades apresentadas dentro de uma sala de aula e a importância de profissionais como fonoaudiólogo, terapeutas ocupacionais, psicólogo e assim como professor de música dentro das escola.

Outro ponto importante a ser destacado por Soeiro (2018) a importância da sala de música ser musical, ser trabalhada a relação do indivíduo com a criação, o pensamento e a fruição dessa linguagem artística, os efeitos colaterais são claros: melhora da coordenação motora; propriocepção; lateralidade; cognição; respeito; trabalho em grupo; pensamento crítico e tudo isso voltado para os aspectos musicais, além de sua incrível e destemida experiência em sala de aula do ensino secular de uma de uma criança autista.

Já Marques (2018) aborda a musicalização infantil um estudo sobre as intervenções pedagógicas do educador musical para inclusão dos alunos com autismo no Colégio Marista Araçagy. A autora investiga como a musicalização pode ajudar na inclusão e aprendizado escolar das crianças com autismo, além de trazer uma reflexão sobre a importância da ação pedagógica do professor de música e as atividades propostas durante o processo de ensino aprendizagem, facilitando a interação, a aquisição de conhecimento em outras áreas e favorecendo o desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo da criança, tendo em vista a formação pedagógica do educador de música para uma práxis emancipatória.

Para embasar ainda mais essa pesquisa aponto outros estudos nacionais sobre o autismo. Nessa conjuntura, indico como representativo o estudo de Aires Filho (2020). O autor teve seu primeiro contato com uma criança autista, quando lecionava flauta e musicalização no

Programa de Inclusão através da Música e das Artes (PRIMA), que foi indagado por um pai, se ensinava música para crianças autistas, em resposta a indagação do pai, ele respondeu que nunca tinha experimentado, porém que estava disposto e motivado a ensinar. Assim, seu estudo é relevante porque demonstra os métodos utilizados por um professor que a princípio não continha experiência do ensino da música para crianças autistas, e precisou saber como adaptar a música a certas particularidades do autismo. Vale ressaltar que, em sua obra Aires Filho (2020) estabelece uma diferença clara entre a educação musical especial e / musicoterapia, na qual, uma está voltada para o ensino da música propriamente dita e a outra voltada para fins terapêuticos, nesse sentido o autor corrobora que seu projeto está voltado para a educação musical especial. O autor enfatiza ainda a dimensão epistêmica do estudo da educação musical e o autismo, englobando uma reflexão sobre os avanços, lacunas e perspectivas que as envolvem, e a musicalização dentro do Instituto Revertendo o Autismo – IRA, abrangendo a música como ferramenta de desenvolvimento e transformação.

O autor Aires Filho(2020) em sua pesquisa aponta que a música exerce um papel significativo na diminuição momentânea de características do autismo, promovendo a interação social e o desenvolvimento da linguagem, sendo de fundamental importância sua prática nos primeiros anos de vida da criança autista. Além disso, ele observou a importância da participação dos pais nas aulas de musicalização como forma de participarem da infância dos filhos e servirem de exemplo na hora de realizar as atividades e brincadeiras musicais, despertando o interesse e o desenvolvimento das crianças.

Ainda pontuando sobre o autor Aires Filho(2020) os resultados de sua pesquisa apontam que a música exerce um papel significativo na diminuição momentânea de características do autismo, promovendo a interação social e o desenvolvimento da linguagem, sendo de fundamental importância sua prática nos primeiros anos de vida da criança autista. Além disso, ele observou a importância da participação dos pais nas aulas de musicalização como forma de participarem da infância dos filhos e servirem de exemplo na hora de realizar as atividades e brincadeiras musicais, despertando o interesse e o desenvolvimento das crianças.

A autora Oliveira (2016) retrata em seu trabalho as dificuldades e possibilidades da inclusão escolar da criança autista. A sua pesquisa é importante, pois analisa como o conteúdo das produções teóricas acerca dos conceitos normalidade e deficiência contribuem no processo de ensino-aprendizagem das crianças autistas no ambiente escolar; além de identificar as principais características sobre a educação de crianças autistas, tanto na perspectiva do movimento neurodiversidade quanto do movimento pró – cura e articular os conceitos de normalidade e deficiência junto à discussão acerca da diversidade dos movimentos autistas.

Para Oliveira (2016), a neurodiversidade baseia na luta pelo reconhecimento da identidade e subjetividade, pois as crianças autistas devido as suas características que são consideradas no caráter patológico, muitas vezes podem levar a preconceitos, bullying, prejudicando desenvolvimento afetivo, intelectual e interativo da criança. Um ponto importante que a autora destaca aos indivíduos neurodiversos é o fato de que para eles, o autismo não é uma doença, mas uma parte constitutiva do que eles são, nesse ponto de vista, não há o que se falar em cura, o que contrapõem com o movimento pró cura, defendido por alguns profissionais e pais de crianças autistas.

Gattino (2009) em seu estudo aborda a música e o autismo no contexto terapêutico, ao investigar os efeitos da musicoterapia psicodinâmica na comunicação verbal, não verbal e social da criança autista, para isso, baseou-se em um experimento controlado realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O autor fomenta que a musicoterapia aplicada para pessoa com TEA pode ser utilizada por diversas abordagens terapêuticas que são divididas em duas categorias distintas são elas: a sistematização sonora da música e de seus efeitos, em que utiliza ferramentas sonoras – musicais de forma planejada para produzir modificações no paciente e a outra abordagem baseia-se no processo vivenciado pelas manifestações do paciente, essas vivências partem da iniciativa do paciente, através de 04 ferramentas musicoterapeutas como: músicas, sons, voz e instrumentos musicais.

Outro ponto importante da pesquisa do autor Gattino (2009) é elencar o papel do musicoterapeuta no processo de tratamento. Ele afirma que o musicoterapeuta primeiramente observa e escuta as manifestações do paciente para depois interagir e intervir junto ao paciente, buscando sempre auxiliá-lo na resolução da sua problemática, em busca de uma melhor qualidade de vida. Para isso, o musicoterapeuta poderá cantar, tocar instrumentos, compor, improvisar com a voz ou com instrumentos, ouvir uma música com o paciente, tocar para o paciente, dentre outros.

Rodrigues e Defreitas Junior (2011) trazem um relato de um caso de estudante com Transtorno do Espectro Autista – TEA para adquirir um diploma técnico em música. Os autores abordam em seu estudo que a educação musical revela-se um importante instrumento para o desenvolvimento cognitivo de pessoas com TEA e, por consequência, traz efeitos positivos que ajudam em seu desenvolvimento global. O aprendizado musical de pessoas com TEA está ligado à criação de um ambiente agradável proporcionado pela música, facilitando o aumento da atenção às tarefas, abrindo, portanto, o caminho de acesso das informações à sua compreensão. Outro ponto primordial a ser destacado em sua pesquisa é o ensino musical com viés profissional, ele assim destaca que a educação profissional trata de uma educação visando

ao acesso ao mercado de trabalho. Para haver profissionais competentes, é necessária uma formação competente. A ideia da inclusão de pessoas com TEA, tanto na educação profissional quanto no mercado de trabalho, é estabelecida pela lei e requer um processo de certificação qualificada.

A compreensão panorâmica e significativa das produções supracitadas, apontam três importantes vertentes do impacto da música na pessoas com TEA, corroborando para a inclusão destas na sociedade, são elas: A educação musical especial; musicoterapia e a educação musical profissional. O que ratifica a importância da música na inclusão social da criança autista.

## **2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Diversos são os questionamentos que pairam sobre esse assunto, dentre eles o autismo é uma doença ou distúrbio? Como surgem seus sintomas e qual a precisão do seu diagnóstico? Um dos fatores que contribuem para esses questionamentos é o fato de seus sintomas não serem diagnosticados por exames clínicos e laboratoriais e sim por uma análise comportamental feita por profissionais capacitados. Segundo os autores Francisco Junior e Ana Pimentel(2000), em seu estudo aborda que em 1942, Kanner, utiliza o termo distúrbio autístico do contato afetivo, doença ligada a linha esquizofrênica, para definir o autismo. Segundo os autores 14 anos depois, próprio Kanner (1956), retrata o autismo como uma espécie de psicose.

Em trabalho de 1956, Kanner continua descrevendo o quadro como uma “psicose”, referindo-se que todos os exames clínicos e laboratoriais foram incapazes de fornecer dados consistente no que se relaciona à sua etimologia, diferenciando-o dos quadros deficitários sensoriais, como afasia congênita, e dos quadros ligados às oligofrênicas, novamente considerando – o uma verdadeira psicose (KANNER,1956, apud Assumpção JUNIOR,2000, p.37).

Com os avanços nos estudos, o autismo deixa de ser visto como uma psicose e passa a ser analisada como distúrbio do desenvolvimento. A autora Passerino e Santorosa (2005), retrata um breve histórico sobre a evolução da abordagem do autismo, que na primeira fase foi considerada como uma síndrome voltada para o emocional, a segunda fase voltada para uma alteração cognitiva e hoje segundo a classificação internacional de doença, o autismo é considerado um dos diversos Transtornos Global do Desenvolvimento. A cartilha de direito da pessoa com autismo diz que: “O Autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança” (TIBYRIÇA, 2011, p.2). Dentro de tanta hipótese sobre como deve ser categorizada o autismo, todos

concordam com o fato de ela atingir áreas importantes do desenvolvimento, assim como não se sabe como esse transtorno se desenvolve, nascemos ou adquirimos o autismo, ainda hoje é comum mães indagarem sobre as dificuldades apresentada pelos seus filhos. Segundo Leboyer, (1955) apud Soeiro, (2018, p.15), “o autismo é um distúrbio de desenvolvimento a tal ponto complexo que nenhum modelo, nenhuma abordagem clínica, metodológica ou terapêutica poderia por si mesmo, abranger a verdade”.

Diagnosticar uma pessoa com transtorno do espectro autista (TEA) é complexo, tendo em vista a diversidade e peculiaridade de seus sintomas, ou seja, cada pessoa autista pode apresentar um ou vários sintomas, com intensidade e complexidade diferente. A cartilha direito das pessoas com autismo, elenca uma lista de sintomas que ajuda a identificar a pessoa com autismo, são elas: sem interesse em relacionar-se com outras pessoas; age como se não escutasse; contato visual ausente ou pouco frequente; dificuldade na fala; em compreender e fazer-se compreender; movimentos repetitivo; costuma se expressar fazendo gestos e apontando; muitas vezes utiliza pessoas como meio para alcançar o que quer; pode não demonstrar envolvimento afetivo com outras pessoas; sem interesse ao que acontecer ao seu redor; parece querer ficar sozinho; apegos a determinados objetos e etc.

Esses sintomas listados acima são apenas indicadores, porém aponta a dificuldade apresentada para levar os autistas a um diagnóstico precoce, fator de fundamental importância no tratamento do TEA. Nesse sentido, diversas pessoas ao longo do tempo, tiveram o diagnóstico tardio, o que dificultou o tratamento, com o avanço dos estudos estes diagnósticos podem ser confirmado entre os 18 meses aos 3 anos de vida.

O autor Soeiro (2018, p.19) aborda que “nesse diagnóstico são detectados as dificuldades da criança, apresentando diferentes graus, geralmente especificados como severo, moderado ou leve. Essas manifestações podem se fazer presentes desde alguns meses de vida ou se manifestam mais tarde.” O autor ainda afirma que algumas dessas crianças eram diagnosticadas como surdas e cegas, devido sua dificuldade em se comunicar oralmente e de dar atenção no momento em que são chamadas pelo nome. Sobre isso Soeiro (2018, p.19) afirma que: “Quando os autistas são hipersensíveis às estimulações, eles parecem ter um déficit sensorial. Isso explica que o diagnóstico de surdez ou de cegueira pode às vezes ser suspeito, ainda que não haja nenhum déficit primário de percepções” (LEBOYER 1995, p.21, apud SOEIRO 2018, p.19).

Então o processo de diagnóstico é longo e requer muita observação e uma união entre os médicos, pais e professores, para assim constantemente realizar a avaliação da criança

e avanço dos sintomas. Segundo Gadia (2004), atualmente os critérios para diagnóstico da pessoa com autismo, são determinados pelo DSM – Manual estatístico e diagnóstico da associação americana de psiquiatria. A autora ainda afirma que:

Em 1987, o DSM-III-R instituiu critérios diagnósticos com uma perspectiva de desenvolvimento, e foram estabelecidos dois diagnósticos, encampados sob o termo transtorno invasivo (ou global) do desenvolvimento: (1) autismo; e (2) transtorno invasivo (ou global) do desenvolvimento não-especificado (TID-NE). Na prática, os TID ou transtornos do espectro autista (TEA) têm sido usados como categorias diagnósticas em indivíduos com déficits na interação social, déficits em linguagem/comunicação e padrões repetitivos do comportamento. Os critérios do DSM-IV para autismo têm um grau elevado de especificidade e sensibilidade em grupos de diversas faixas etárias e entre indivíduos com habilidades cognitivas e de linguagem distintas. (GADIA, 2004, p.84)

A autora acredita que o Transtorno do espectro autista é uma categoria, na qual são incluídos todos os indivíduos que possuem déficits na interação social, linguagem, comunicação e padrões repetitivos do comportamento.

### **3. AUTISMO E O DESAFIO DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Para falarmos em inclusão social das pessoas com TEA, precisamos abordar primeiro as diretrizes da educação sobre esse assunto. O Brasil em 25 de junho de 2004 aprova a lei nº 13.005, que cria o Plano Nacional de Educação (PNE). Composta por 20 metas, têm como finalidade:

Consolidar um sistema educacional capaz de concretizar o direito à educação em sua integralidade, dissolvendo as barreiras para o acesso e a permanência, reduzindo as desigualdades, promovendo os direitos humanos e garantindo a formação para o trabalho e para o exercício autônomo da cidadania. (PNE, 2004, p.69).

O principal objetivo da PNE é garantir a todos os indivíduos tenham a oportunidade de livre acesso as escolas e nelas venham encontrar as condições necessárias para concluir suas etapas e que concluam na idade e na idade correta. A PNE traz na sua meta 04 dois grandes objetivos em relação aos transtornos do espectro autista, diz que:

Universalizar, para a população de 4 a 17 anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados. (PNE, 2004, p.69).

Os dois objetivos apresentados na meta são bem desafiadores, o primeiro é promover as pessoas com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, o acesso à educação básica e atendimento especializado e o segundo que essa educação seja pelo sistema inclusivo, ou seja, na rede regular de ensino.

Como já falamos o autismo é um transtorno que atinge três áreas primordiais da criança, a interação social, a comunicação e o comportamento. Em virtude disso grandes são os avanços nas pesquisas em prol de promover a inclusão das pessoas com transtorno do espectro autista no anseio social; na cartilha de direito da pessoa com autismo, retrata que: “As pessoas com autismo têm os mesmos direitos, previstos na Constituição Federal de 1988 e outras leis do país, que são garantidos todas as pessoas” (TIBYRIÇA, 2011, p.6). Além desse direito a cartilha ainda afirma que a pessoa com TEA é amparada todos os direitos previsto nas leis para pessoa com deficiência, uma vez que algumas pessoas com autismo podem ser associadas a um caso de deficiência intelectual, e amparadas pelo ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) e quando idoso, o autista está amparado pelo estatuto do idoso.

Um dos direitos essenciais a qual a pessoa com Autismo possui é o direito a educação. A inclusão da pessoa com TEA no âmbito escolar tem sido tema de uma série de estudos. A autora Oliveira (2016) retrata esse crescimento quando fala sobre o envolvimento da maioria dos ministérios e surgimento de diversos programas de incentivos, associações, que buscam a melhoria de vida das pessoas deficientes, comprovam que esse tema tornou-se de interesse geral. A autora ainda ressalta que “esse movimento revela, também, a compreensão de que a inclusão escolar é o produto de um processo que envolve inúmeros fatores intra e extraescolares e que ela não efetivara se eles não forem contemplados”. (OLIVEIRA,2016, p.8). Esses fatores intra e extraescolares, têm gerado questionamento sobre a inclusão escolar da criança autista, pois por possuírem algumas limitações e às vezes comportamentos agressivos torna-se uma forma de barreira para não inclusão destas crianças na escola.

Apesar desses entraves, a inclusão da criança autista no âmbito escolar é de extrema importância no processo de tratamento e de inserção dessas crianças na sociedade.

Outro elemento principal e de fundamental importância nesse processo é o professor. Sabemos que o professor é o facilitador, mediador do conhecimento e para isso utiliza vários métodos e didáticas. Mas quais os desafios que o professor enfrenta nesse processo? A autora Oliveira (2016) retrata que a falta de conhecimento sobre a deficiência, o sintoma, forma de tratamento é um dos desafios nesse processo de inclusão. A autora retrata que:

Em todas as dificuldades, apontadas pelos professores, com relação ao processo de inclusão de aluno com deficiência, sejam elas quais forem, é encontrada sempre a insatisfação quanto a ausência de determinados fatores: orientação, formação especializada, estrutura adequada da escola, turmas com menos quantidade de alunos, recursos, contribuição de outros profissionais e melhores matérias pedagógicas. (OLIVEIRA,2016, p.10)

Conforme já falamos, o sucesso da inclusão e do tratamento do TEA dá-se a partir de um trabalho multidisciplinar, ou seja, que profissionais da educação, da saúde e os familiares,

trabalhem em conjunto em prol de possibilitar o sucesso dessa inclusão escolar e social, assim como do tratamento. Essa falta de conhecimento em relação ao autismo dificulta a elaboração de um projeto pedagógico, podendo gerar frustrações quanto à possibilidade de educação da criança autista. Camargo e Bosa (2009) relatam um estudo feito por Baptista, Vasques e Rublescki (2003) que:

“[...] sobre a educação de crianças com transtornos de desenvolvimento, concluímos que muitos educadores resistem ao trabalho com crianças autistas devido a temores em não saber lidar com a agressividade delas – aliás um aspecto que não é necessariamente característico desta condição”. (BAPTISTA, VASQUES E RUBLESCKI, 2003, apud CAMARGO; BOSA, 2009, p.69)

Baseado ainda em Camargo e Bossa (2009) afirmam que “as dificuldades dos professores, de um modo geral, se apresentaram na forma de ansiedade e conflito ao lidar com o “diferente”.” “Para fomentar essa afirmativa eles relata um estudo feito por outros autores em que concluíram: houve a tendência de o professor adotar estratégias que, de certa forma, inibem a expressão dos “sintomas autista” (“manter o aluno ocupado”)”. Esses estudos apontam a grande urgência na orientação e na busca do conhecimento por parte do professor, afirmo que o professor que irá receber o aluno autista e estabelecer o contato dela com as demais crianças, sendo assim o professor precisa conhecer as limitações do seu aluno, ter acesso aos diagnósticos, trabalhar a observação e desenvolver a autoconfiança e independência que são características não inerentes a eles.

Soeiro (2018, p.25) retrata a dificuldade apresentada por falta de conhecimento para abordar a criança TEA. Em determinado momento de sua aula os alunos estavam afoitos, um aluno autista se levantou e começou a correr pela sala, balbuciando sílabas, que naquele momento para ele professor não fazia sentido, em seu relato ele deixa claro que não sabia o que fazer.

No entanto, é fundamental reconhecer que a inclusão escolar de crianças com autismo requer esforços contínuos e recursos adequados. É necessário investir na formação dos educadores, na adaptação das escolas e na disponibilização de suporte especializado para garantir que todas as crianças com autismo tenham a oportunidade de receber uma educação inclusiva e de qualidade.

#### **4. AUTISMO E A MÚSICA**

Para a criança autista, a música pode desenvolver diversas áreas que são inerentes do próprio transtorno, como por exemplo: sobrepular o poder de atenção, desinibir as expressões corporais, proporcionar a socialização com a família, amigos e a sociedade em geral.

Segundo Silva (2012), no decorrer dos anos diversos estudos a respeito dos efeitos da música sobre o ser humano e por meio desses estudos pode-se perceber que a música exerce influência no organismo, podendo ser de forma negativa ou positiva, levando em consideração o tipo de música que se ouve. Rodrigues (2018, p.143) diz que: “O aprendizado musical de pessoas com TEA está ligado à criação de um ambiente agradável proporcionado pela música, facilitando o aumento da atenção às tarefas, abrindo, portanto, o caminho de acesso das informações à sua compreensão”. Silva (2012) complementa afirmando que, a música traz a possibilidade de estimular qualquer tipo de sensações, vivências, desenvolver e intensificar qualquer tipo de emoção. Auxilia na memorização, na atenção, na reflexão, desenvolve a criatividade e a imaginação, facilitando a aprendizagem, pois ativa uma grande quantidade de neurônios.

Para compreender como ensino da música auxilia nesse processo, temos que verificar quais métodos pedagógicos devemos usar com a criança autista. O autor Sérgio Filho (2020) retrata que o Instituto Revertendo o Autismo – IRA, onde ele lecionava uma vez por semana, oferece terapias, orientações e apoio as famílias das crianças diagnosticada com TEA, as aulas de músicas estavam sempre associadas as brincadeiras e jogos que estimulavam a interação, intercalando com conceitos musicais básicos como: ritmo, altura, melodia e harmonia. Louro (2014) apud Aires Filho(2020) afirma que:

Aprendizagem musical contribui para o desenvolvimento da Teoria da Mente em pessoas com TEA, como também colabora nas tomadas de decisão e da autonomia. É também essa mesma autora que reforça a importância dos jogos musicais, criação de cenas, improvisações musicais, desenhos, colagens e expressão corporal como facilitadores do processo educacional. (LOURO,2014, apud AIRES FILHO,2020, p.11)

A teoria da mente, conforme Grandin (2013, p.80) consiste na capacidade de observar o mundo no ponto de vista de outras pessoas e conseguir obter respostas emocionais adequadas. A autora Rodrigues (2018), que aborda uma visão do ensino da música mais técnica, envolvendo o aprendizado do instrumento musical pela criança autista, com a possibilidade de se tornar um profissional na área da música no futuro, traz em sua pesquisa que o primeiro contato com a música pelo autista se dá através da percepção.

Em primeira instância, a música invade o universo de pessoas com TEA pelo simples fato de sua presença no ambiente ser captada pela percepção. Então, quanto aos alunos com TEA, ela afeta a atenção destes, muda-lhes o comportamento em relação a si e aos outros. Momento ideal para a interferência do professor, que pode aproveitar para fornecer aos alunos os recursos para imitação, propiciando-lhes também improvisação e criatividade”. (RODRIGUES,2018, p.143)

A autora Rodrigues (2018) ainda ratifica que nessa primeira instância o professor não pode assumir o papel de agente limitador, mas que deve aplicar os conteúdos e conceitos

observando as limitações de cada um e sempre convicto da contribuição da música no desenvolvimento da criança autista.

Marques (2018) aborda o que diz o Referencial Curricular para Educação Infantil (RECNEI),

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. (BRASIL,1998, p.45 apud MARQUES,2018, p.23)

Neste sentido temos:

1. A Música como Estímulo Sensorial: A música pode fornecer uma estimulação sensorial agradável para pessoas com autismo. Os diferentes elementos musicais, como ritmo, melodia e harmonia, podem ter um efeito calmante ou estimulante, dependendo das preferências individuais.
2. A Música como Facilitadora da Comunicação: A música pode ser uma forma de comunicação não verbal que permite às pessoas com autismo expressar emoções, pensamentos e sentimentos. Ela pode ajudar a transmitir mensagens e se conectar com os outros de uma maneira única.
3. A Música como Promotora da Interação Social: A música pode ser usada como uma ferramenta terapêutica para desenvolver habilidades linguísticas e sociais em pessoas com autismo. Cantar músicas, improvisar ou participar de atividades musicais em grupo podem ajudar a melhorar a comunicação verbal e não verbal, promovendo interações sociais positivas.
4. A Música como Estimulante Cognitivo: A música pode estimular a atividade cerebral e melhorar habilidades cognitivas em pessoas com autismo. O envolvimento ativo com a música, como tocar um instrumento ou participar de atividades rítmicas, pode aprimorar a atenção, a memória, a coordenação motora e outras funções cognitivas.

Marques (2018) em sua pesquisa aponta que a música pode proporcionar a melhor qualidade de vida à criança com autismo, pois a música ajuda nas melhorias das saídas sensoriais, sendo capaz de expor as crianças a sua emoções e restabelecer o convívio entre os que a cercam. Ela afirma que:

A música pode contribuir para diminuir estes comprometimentos no autista possibilitando o desenvolvimento de potenciais e restabelecendo funções para que ele possa alcançar, uma melhor interação intra e /ou interpessoal e em consequência uma melhor qualidade de vida. (AFONSO,2013, p.1396 apud MARQUES,2018, p. 23)

Sabendo da importância que música tem no processo de inclusão, é notório a escassez de pesquisa nessa área conforme afirmar Pendeza e Dallabrida, 2016 apud Aires Filho, 2020:

Acreditamos que a falta de materiais e pesquisas em Educação Musical e TEA seja uma decorrência histórica de como esses dois assuntos têm sido desenvolvidos no Brasil, pois, apesar de o TEA ser abordado desde 1943, nos estudos do pediatra Leo Kanner, as pessoas com TEA foram consideradas pessoas com deficiência apenas no ano de 2012, com a Lei n.12.764 (Brasil, 2012). Esse fato corrobora para evidenciar o atraso em pesquisas, assim como a falta de materiais didáticos e ambientes devidamente capacitados para receber essas pessoas, sejam escolas, sejam clínicas especializadas e até mesmo lares com assistência a adultos que não têm aptidão para viverem sozinhos. (PENDEZA; DALLABRIDA, 2016, p. 99 apud AIRES FILHO, 2020, p.12)

Ao tratar dessa escassez o autor Aires Filho (2020) aponta duas vertentes dentro da área da música, uma voltada pra educação musical e outra para finalidade terapêutica que é a musicoterapia. O autor afirma que não se pode confundir a Educação Musical, voltada desenvolvimento das competências musicais e a Musicoterapia, na qual a música é usada para promover comunicação, relacionamento, aprendizagem, mobilização, expressão.

#### **4.1 Autismo e a Educação Musical.**

Conforme vimos a educação musical é voltada para o desenvolvimento das competências musicais. A educação musical é o processo de musicalização da criança autista. Soeiro (2018) retrata que o processo de musicalização contribui veemente para sobrepular a interação da criança autista, ela afirma que:

A musicalização contribui com a aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e sócio afetivo da criança. As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma desenvolvendo sua noção de esquema corporal e permitindo a interação com o outro. (SKALSKI, 2010, p.12 apud SOEIRO, 2018, p. 25).

A autora defende que musicalizar vai além de ensinar a criança a tocar e cantar de forma mecânica canções prontas, tornando-as reprodutoras e não construtoras do conhecimento musical. Soeiro (2018, p.25) afirma que: “é necessário que a criança tenha experiências musicais em que haja relações sócios – afetivas.”

O autor Aires Filho (2020) traz um relato em sua pesquisa de um experiência vivenciada no processo de musicalização de uma criança autista, onde com intuito de chamar atenção dela, ele erroneamente toca diversas músicas em sequência e quanto menos ela dava atenção, mas ele tentava forçar a musicalização, com novas músicas. Como resultado, na semana seguinte quando a criança olhou a capa do violão, teve uma crise. A criança se levantou,

chamou a mãe e foi para o quarto, pediu para armasse a rede e deitou-se, o autor pediu à mãe que ficar-se com a criança, ele se dirigiu até a sala e tirou o violão da capa e começou a dedilhar, a mãe do quarto falou que aquilo havia chamado a atenção.

Outra experiência que vale destacar foi a vivenciada por Soeiro (2018, p.25) que relata: “Quando tive o primeiro contato com o transtorno, ainda não possui conhecimento específico sobre o assunto, por isso a inserção da criança com autismo nas aulas de musicalização foi complicada, pois essa não conseguia interagir nas atividades com seus coleguinhas de turma.” Outro ponto de destaque nesse relato é quando o autor leva o teclado para a sala de aula, com a finalidade de verificar a reação do aluno diagnosticado com um grau severo de autismo. Ele observou que ao soar uma tecla com o som de uma buzina, o aluno ficou atento e aproximou-se do instrumento e tocou as teclas.

Ao planejar atividades musicais para crianças autistas, é importante seguir algumas dicas: conhecer as necessidades individuais e preferências musicais de cada criança, pois, algumas podem se interessar por sons mais calmos e suaves e outros por sons mais rítmicos e enérgicos, por isso deve-se observar atentamente as reações de cada criança; crie um ambiente acolhedor, livre de distrações e onde as atividades musicais podem ocorrer tranquilamente; utilizar –se de estímulos visuais, pois as crianças autistas respondem bem a estímulos visuais; envolva a criança ativamente na atividade musical, seja batendo palmas, dançando, tocando um instrumento ou cantando; adapte as atividade de acordo com as habilidades e limitações de cada criança; integre atividades sensórias durante as atividades musicais, como texturas, aromas, luzes coloridas ou movimento suáveis, isso permite a criança se envolver e a se sentir confortável; estabeleça rotinas, pois as crianças autistas se beneficiam de rotinas previsíveis e repetidas, sempre que possível incluir elementos familiares e repetidos ao longo do tempo.

Soeiro (2018) afirma existir três pontos trabalhados na educação musical são eles: fruição, criação e execução. E esses pontos não são descartados na prática da música ou da musicalização para crianças com TEA. O autor ainda fomenta que esses três pontos são facilmente perceptíveis, por exemplo, na apreciação da letra e melodia de uma música, a sensibilidade e emotividade é exercitada, trabalhar-se a fruição; quando se canta o próprio nome dentro de um pulso, improvisando numa linha melódica, ocorre a criação e quando há execução de um exercício rítmico, seja em um instrumento percussivo ou utilizando o próprio corpo, temos a execução musical.

Diante do que foi exposto acima PENNA (2015, p.33 apud AIRES FILHO 2020, p.45) diz que “musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o

indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo”.

Dentro desse processo de musicalização o educador musical tem um grande desafio pela frente, o autor Aires Filho (2020, p.45) aponta que “O desafio do professor de musicalização de crianças autistas é não apenas tornar o imperceptível perceptível, mas preocupar-se com o que é super-perceptível. Imagine alguém que escuta um acorde de violão como sendo uma avalanche sonora em volume e intensidade.” Para resolver essa situação o autor sugere que a prática não esteja centralizada no professor, naquilo que ele gostaria de ensinar, desenvolver ou no que ele acha necessário, mas pautada numa iniciativa liderada pela criança, um processo construído em comunhão com a criança autista.

Lembre-se de que cada criança autista é única, portanto, é importante adaptar essas sugestões de acordo com as necessidades individuais e preferências de cada criança. O objetivo principal é criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde a criança possa explorar, se expressar e desfrutar da música de uma maneira que seja significativa para ela.

#### **4.2 Autismo e a Musicoterapia**

A musicoterapia é uma forma de terapia que utiliza elementos musicais para ajudar no desenvolvimento de habilidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais. Ela tem sido utilizada como uma abordagem terapêutica eficaz para pessoas com autismo. Nesse processo encontramos a música, o terapeuta e o paciente\cliente formando um tripé fundamental para que ocorra o processo terapêutico. Segundo Bruscia (2000):

Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança (ROMÃO S, 2015, apud BRUSCIA 2000, p.22).

A música pode ser uma ferramenta poderosa para promover a comunicação e interação social, já que muitas vezes as pessoas com autismo podem responder de forma positiva e engajar-se na música. Gattino (2009) afirma que: “O paciente se manifesta neste processo por quatro ferramentas básicas que o auxiliam a expressar a sua problemática. As quatro ferramentas são: a música, os sons, a voz e os instrumentos musicais.” (GALLARDO, 2004 apud GATTINO, 2009, p.22).

Segundo a Revista Brasileira de Musicoterapia, (1996, p.4):

Musicoterapia é a utilização da música e de seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um profissional qualificado, em um paciente ou grupo, no processo musicoterapêutico para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes para alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A

Musicoterapia tem como objetivo desenvolver potenciais e/ou estabelecer funções do indivíduo para que possa alcançar melhor integração intra e/ou interpessoal e, em consequência, uma melhor qualidade de vida, por meio da prevenção e reabilitação.

Conforme vimos, a música na musicoterapia tem objetivos terapêuticos e assim como na educação musical trabalha para que haja transformações na vida das pessoas, interagindo e acessando através da música campos e caminhos ainda obscuros para este indivíduo. Ela abre canais de comunicação verbais e/ou não verbais que ampliam as possibilidades reais de seus participantes. Então podemos dizer que a musicoterapia é uma ciência que estuda o homem e suas ações em decorrência da exposição sonoras, assim como fatos que possam originar-se da relação entre a música e o paciente.

Conforme Porto (2007, p. 20). “Na musicoterapia, a música é mais do que as próprias peças ou sons; cada experiência musical envolve uma pessoa, um processo musical específico e um produto musical de algum tipo.”

O autor Gattino (2009), afirma que o processo musicoterapêutico está dividido em três etapas ou fases básicas, dividida da seguinte maneira:

**A avaliação diagnóstica:** etapa do processo que o terapeuta observa o paciente e seus familiares, na perspectiva de entender a forma que ocorre o relacionamento entre eles.

**O tratamento:** etapa do processo em que o paciente tem contato com as quatro ferramentas básicas (música, sons, voz e instrumentos musicais), nessa fase o musicoterapeuta intervém de acordo com a interação apresentada pelo paciente.

**A avaliação:** fase em o terapeuta irá avaliar se houver ou não modificação na problemática do paciente, diante das avaliações iniciais.

Segundo Coli (2018) “o objetivo de tornar a musicoterapia uma prática terapêutica, é oportunizar a reabilitação física, mental e social das pessoas, atuando na cognição, nas funções motoras e nos elementos afetivos, através da música, entretanto é necessário considerar a realidade psíquica, social e condição física de cada sujeito” (CUNHA, ARRUDA e SILVA, 2010 apud COLI; et al., 2018, p.02).

Um dos benefícios do uso da musicoterapia em crianças com autismo é trabalhar as habilidades cognitivas. O desenvolvimento cognitivo refere-se às mudanças que ocorrem na capacidade mental de uma pessoa ao longo do tempo. Envolve a aquisição de habilidades cognitivas, como percepção, memória, linguagem, raciocínio e resolução de problemas. O desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo que começa na infância e continua ao longo da vida, embora as mudanças sejam mais evidentes durante os primeiros anos de vida. Segundo (LEÃO, 2001 apud AGNOLON; et al., 2016) afirma que a inserção da música favorece o desenvolvimento perceptual e motor, a coordenação mãos-olhos, o equilíbrio estático e

dinâmico, as relações espaciais, o pensamento linear, o planejamento, a habilidade de escuta e os canais de comunicação.

A música tem o poder de estimular múltiplos sentidos, como audição, visão e até mesmo o tato, se envolver instrumentos musicais. Essa estimulação sensorial pode ajudar no desenvolvimento de conexões neurais e sinapses no cérebro, contribuindo para um melhor desenvolvimento cognitivo. Estimular os cinco sentidos é importante e necessário, pois por meio desse estímulo se trabalha a psicomotricidade, que, caso seja bem explorada, leva a criança a ter facilidade na aprendizagem, devido à ligação direta ao encéfalo, que é o centro do sistema nervoso. E quando este estímulo não ocorre ou é mau realizado dificulta o processo de aprendizagem. (SILVA, 2011 apud AGNOLON; et al., 2016).

Wimpory, Chadwick e Nash 1995 (apud Sampaio,2015) “realizaram intervenções musicoterapêuticas com uma criança com TEA de três anos e sua mãe, e verificaram melhora substancial na interação e comunicação entre elas, sendo tais melhoras também generalizadas para outras situações fora do setting musicoterapêutico”. A música pode ser usada como uma forma de comunicação não verbal e expressão emocional. Para aqueles com dificuldades de comunicação ou linguagem, a musicoterapia pode ser uma ferramenta eficaz para incentivar a expressão, melhorar a comunicação e facilitar o desenvolvimento da linguagem.

Para Ilari 2003(apud Vargas, 2014) o estímulo ao sistema da memória, de orientação espacial, de aspectos motores e de pensamento social pode ser realizado através do uso de jogos envolvendo o corpo, como no caso de cantigas de roda, encenações musicais e pequenas danças. A música tem uma forte ligação com a memória. A repetição de padrões musicais, letras e ritmos pode ajudar na memorização e na consolidação de informações. Através da musicoterapia, a música pode ser usada como uma ferramenta para auxiliar no aprendizado de conceitos, como letras, números, cores e outros elementos cognitivos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A música tem um impacto poderoso nas pessoas em geral e pode ser especialmente benéfica para indivíduos com TEA. Desta forma, a música pode proporcionar uma forma de expressão não verbal e uma maneira de se conectar emocionalmente com os outros. Ela pode ajudar a reduzir a ansiedade, promover a comunicação, melhorar as habilidades sociais, desenvolver a coordenação motora e aumentar a atenção e o foco.

A musicoterapia é uma forma de terapia que utiliza elementos musicais, como ritmo, melodia e harmonia, para promover mudanças emocionais, cognitivas, físicas e sociais. Ela é especialmente eficaz no tratamento do TEA devido à sua natureza estruturada, repetitiva

e previsível, que pode ajudar a regular as respostas sensoriais e promover a interação social. A musicoterapia pode envolver improvisação musical, jogos rítmicos, canto, dança e o uso de instrumentos musicais.

A educação musical desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades e competências musicais em indivíduos com TEA. Através da educação musical adaptada, as crianças e adultos com TEA podem aprender conceitos musicais, como ritmo, melodia, harmonia e notação musical. Além disso, a educação musical pode ajudar a desenvolver habilidades de escuta, concentração, memória, coordenação motora e expressão criativa. Ela também pode ser um meio de inclusão social, permitindo que os indivíduos com TEA se envolvam em atividades musicais com seus colegas.

É importante ressaltar que a música, a musicoterapia e a educação musical não são curas para o TEA, mas sim abordagens terapêuticas complementares que podem auxiliar no desenvolvimento e no bem-estar dos indivíduos com TEA. Cada pessoa com TEA é única, e é essencial adaptar as intervenções musicais às necessidades individuais de cada indivíduo, levando em consideração suas preferências, desafios e metas terapêuticas específicas.

É recomendado que essas abordagens sejam realizadas por profissionais qualificados em musicoterapia e educação musical, que possuam conhecimentos específicos sobre o TEA e suas características. O trabalho interdisciplinar entre musicoterapeutas, educadores musicais, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e outros profissionais pode ser benéfico para o desenvolvimento global e o tratamento das necessidades dos indivíduos com TEA.

Em suma, esse estudo sobre o autismo e a música pode contribuir para a compreensão da relação entre esses dois domínios, destacar os benefícios da educação especial musical e os benefícios terapêuticos da música, explorar intervenções musicais específicas, analisar os mecanismos subjacentes e fornecer orientações para práticas futuras. Essas contribuições podem ser valiosas tanto para profissionais que trabalham com pessoas no espectro do autismo quanto para o avanço da pesquisa nessa área.

## REFERÊNCIAS

AGNOLON, Rosângela. MASOTTI, Demerval Rogério. A musicalização e o desenvolvimento cognitivo de crianças a partir das inteligências múltiplas. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**. Canoas, v.5, n. 1, 2016. Disponível em :<<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/issue/archive>>.

AIRES FILHO, Sergio Alexandre de Almeida. “**Educação musical e autismo: um estudo sobre o desenvolvimento de crianças autistas na musicalização infantil**”. Joao Pessoa, 2020. 114 f. Dissertação (mestrado em música) – Universidade Federal da Paraíba. PB.2020.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco B. PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. **Revista Brasileira Psiquiatria**. Supl I, 2000, p. SII 37 – SII39.

BARBOSA, Amanda Magalhaes. et al. O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. In: **XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE**. 2013, Curitiba. Pontifica Universidade Católica do Paraná, 2013.p.19780 -19790.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 5.692, de 11 de agosto de 1971.

CAMARGO, Sígilia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Revista Psicologia e Sociedade**. Vol. 21, 2009, p. 65-74.

COLI, Talita Ribeiro; RIBAS, Solange Viana da Costa; CATELAN, Sandra Cristina Mainardes; SILVA, Yara Cristina Romano da. Desenvolvimento cognitivo de crianças que praticam musicoterapia: uma análise qualitativa. In: **IX MOSTRA INTERNA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**.2018, Paraná. Disponível em: <<http://rdu.unicesumar.edu.br//handle/123456789/2201>>

DEFINIÇÃO de musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Ano I, Nº 2, 1996.

GADIA, Carlos A. TUCHMAN, Roberto. ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre – RS, 2004. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300011> >

GATTINO, Gustavo Schulz. **A influência do tratamento musicoterapêutico na comunicação de criança com transtornos do espectro autista**. Dissertação de Mestrados –

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Programa de Pós - Graduação em Saúde da criança e adolescente. Porto Alegre – RS, 2009

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de Crianças Autistas: um Estudo sobre Interações Sociais no Contexto Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol. 20, 2014, p. 117-130.

MARQUES, Sonaly Rosy Guimarães. **Musicalização infantil: um estudo sobre as intervenções pedagógicas do educador musical para inclusão dos alunos com autismo no Colégio Marista Araçagy**. 53f. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

MELO, Ana Maria. **Retratos do Autismo no Brasil**. AMA – Associação de Amigos dos Autistas. Ed 1ª. São Paulo – SP, 2013.

OCTAVIANO, Carolina. **Os efeitos da música no cérebro humano**. *Jornal com ciência*. 2010, n.116, pp. 0-0. ISSN 1519-7654. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000200005&lng=es&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000200005&lng=es&nrm=iso)>

OLIVEIRA, Luciana Gonçalves de. **A educação de crianças autistas: dificuldades e possibilidades**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. RJ. 2016, p. 1- 14. Disponível em: <[https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio\\_resumo2016/resumos\\_pdf/ctch/EDU/Luciana%20Gon%C3%A7alves%20de%20Oliveira.pdf](https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2016/resumos_pdf/ctch/EDU/Luciana%20Gon%C3%A7alves%20de%20Oliveira.pdf)>

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da Pesquisa**. Abordagem Teórico-prática. Campinas: Papirus, 2004.

PASSERINO, Liliana Maria. SANTAROSA, Lucila M.C. Uso de ferramentas síncronas para análise da interação social em sujeitos com autismo: um estudo de caso. **Revista Renorte, Rio Grande Do Sul**. Nº 1.V.3. p. 1- 11. Maio.2005.

PIZOLLI, Graziela Aparecida. MAIDL, Noêmia Aparecida. FRANCO, Claudinéia Conationi da Silva. A realidade da inclusão de autistas no ensino regular. **Revista Científica Monumenta**, Paraíso do Norte, PR, v. 2, n. 1, p. 131-142, março 2021.

PORTO, Rebeca Fogaça. **A música na formação do musicoterapeuta**. Trabalho de Conclusão de Curso.106f. Faculdade Metropolitana Unidas.2007, São Paulo.

RODRIGUES, Jessika Castro; DEFREITAS, Áureo Déo; SILVA, Letícia. Educação Musical Inclusiva: Aulas de Violoncelo em Grupo para Crianças e Adolescentes com Diagnóstico de Autismo e sem Diagnóstico de Transtorno. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: ABEM, 2011. p. 2441-2447.

SAMPAIO, Renato Tocantins; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; GOMES, Cristiano Mauro Assis. **A musicoterapia e o transtorno do espectro do autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica**. Tese (Doutorado em musicoterapia) – Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, n.32, 2015, p.137-170.

SOEIRO, Nickon Douglas Araújo. **As contribuições das aulas de musicalização para o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com o Transtorno do Espectro Autista.** Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. **Professor e o autismo: desafio de uma inclusão com qualidade.** 2015.34f. Monografia (Curso de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

TIBYRIÇA, Renata Flores. et al. **Cartinha direito das pessoas com autismo.** Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Ed 1ª, 2011. Disponível:< <https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2017/08/direitosautismo.pdf>>.

VARGAS, Maryléa Elizabeth Ramos. **Influências da música no comportamento humano: explicações da neurociência e psicologia.** Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012.p.944-956. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/141/66>>. Acesso em 27 de outubro de 2017